

# História e fantasia em *A Dama Pé-de-Cabra*, de Alexandre Herculano

Edson José Rodrigues Júnior\*

**Resumo:** *A Dama Pé-de-Cabra* é um conto escrito pelo historiador e jornalista português Alexandre Herculano, publicado em 1851 na obra *Lendas e narrativas*, uma coletânea de contos que remontavam a vários períodos da história da Península Ibérica. Este trabalho tem como objetivo analisar como *A Dama Pé-de-Cabra* destoa das narrativas históricas características de Herculano ao mesmo tempo em que se aproxima da fantasia folclórica tão apreciada pelo Romantismo europeu. Para tanto, foram utilizados os estudos de Siqueira e Dezidério (2012), Alves (2014) e Todorov (1981). Pôde-se observar na análise que *A Dama Pé-de-Cabra* apresenta uma miscelânea de aspectos das prosas góticas alemãs e inglesas, do romance *noir* francês e das lendas melusínicas do folclore medieval europeu. Ainda assim, mesmo sob as densas camadas de influências românticas e medievais, sobrenaturais e fantásticas, o conto não deixa de configurar uma espécie de narrativa histórica, visto que se ancora nas personagens reais de D. Diogo Lopes e D. Inigo Guerra. Concluiu-se, pois, que Herculano brinca com os limites tênues do gênero fantástico ao mesclá-lo com elementos não apenas históricos como também característicos do gênero maravilhoso, criando uma obra que transita entre gêneros, sem com isso perder seu valor como história de um povo.

**Palavras-chave:** A Dama Pé-de-Cabra; Alexandre Herculano; Gênero fantástico; Narrativa histórica.

**Abstract:** *The Goat-Footed Lady* is a tale written by Portuguese historian and journalist Alexandre Herculano, published in 1851 in his work *Lendas e narrativas*, a collection of short stories looking back to many historical periods of the Iberian Peninsula. The objective of this paper is to analyse how *The Goat-Footed Lady* differs from Herculano's other historical narratives, at the same time approaching a more fantastic and folkloric perspective which is typical to Europe's Romantic literature. Therefore, we've taken account of studies from Siqueira and Dezidério (2012), Alves (2014) and Todorov (1981). Our analysis showed that *The Goat-Footed Lady* has a miscellany of aspects taken from the German and English goth literature, from the French *noir* novels and from the medieval folkloric Melusine legends. Still, even though there are many layers of romantic, fantastic, goth and medieval influences in this tale, *The Goat-Footed Lady* remains a historical narrative starred by historical figures of D. Diogo Lopes and D. Inigo Guerra. We've concluded that Herculano plays with the edges between the fantastic genre and the historic genre, merging elements from both literatures to create a work that travels between both genres without losing its essence of telling the story of the Iberian people.

**Keywords:** The Goat-Footed Lady; Alexandre Herculano; Fantastic genre; Historic narrative.

---

\* Aluno do curso de Licenciatura em Letras – Português na Universidade Federal de Pernambuco. Este artigo foi apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Literatura Portuguesa III – Romantismo, Realismo e Parnasianismo, ministrada pela Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Anuska Vaz.

## 1. Introdução

A *Dama Pé-de-Cabra* é um conto escrito pelo historiador e jornalista português Alexandre Herculano. Foi publicado em 1851 na obra *Lendas e narrativas*, que compila diversos textos literários publicados por ele entre os anos de 1838 e 1846 nas revistas *O panorama* e *A ilustração*. Os textos reunidos na obra caracterizavam aquilo que já se vinha fazendo em outras experiências do Romantismo ao longo da Europa: o resgate das origens folclóricas. Na Alemanha, os irmãos Grimm traziam novamente à tona os contos de fadas germânicos disseminados pela tradição oral; na Escócia, os leitores românticos se deleitavam e se regozijavam com os poemas épicos supostamente narrados por Ossian, remontando às origens daquela terra envolta em mistérios e mitos.

É justamente o que faz Herculano em *Lendas e narrativas*, trazendo contos de ficção histórica intimamente ligados ao folclore de diversos períodos da Península Ibérica, sobretudo às lendas medievais. As temáticas dos textos são diversas, retratando desde façanhas portuguesas na guerra santa contra os mouros nos séculos XI e XII, até a descoberta da Índia por Vasco da Gama.

Segundo Alves (2014), a única narrativa propriamente fantástica da obra *A Dama Pé-de-Cabra*, lenda ibérica datada do século XII que narra os infortúnios da união entre a demoníaca dama que dá nome ao conto e D. Diogo Lopes, senhor das terras de Biscaia em Portugal. Pode-se, com isso, traçar um paralelo entre *Lendas e narrativas* e o próprio autor. Alexandre Herculano tornou-se muito mais conhecido por seu pioneirismo nos romances históricos, legado que perdura até hoje, mas também possuía grande apreço pelas histórias sobrenaturais. Como apontam Siqueira e Dezidério (2012):

É pouco conhecido o interesse de Herculano pelo sobrenatural, desde sua formação, visto que, em seus primeiros momentos, o autor aventurava-se a criar versões em português de célebres baladas macabras, como ‘Noiva do Sepulcro’, poema segundo informa o autor, ‘imitado do inglês’, ‘Afonso e Isolina’, de Lewis, e ‘Caçador feroz’ e ‘Leonor’, de Bürger, presentes na terceira parte da obra *Poesias*, de 1850. (op. cit., p. 68).

Da mesma forma, a obra *Lendas e narrativas* é composta majoritariamente por narrativas históricas, mas não se pode deixar de lado a importância de *A Dama Pé-de-Cabra*, conto em que subjaz muitas das características absorvidas por Herculano das baladas macabras que traduziu para o português. É possível enxergar na obra uma miscelânea de aspectos das prosas góticas alemãs e inglesas, do romance *noir* francês e das lendas melusínicas do folclore medieval europeu (SIQUEIRA; DEZIDÉRIO, 2012). Vale ressaltar ainda que, mesmo sob as densas camadas de influências românticas e medievais, sobrenaturais e fantásticas, *A Dama Pé-de-Cabra* não deixa de configurar uma espécie de narrativa histórica, visto que se ancora nas personagens reais de D. Diogo Lopes e D. Inigo Guerra, retiradas da narrativa genealógica *Livro de linhagens do Conde D. Pedro*. Alguns excertos do livro serviram ainda como base para a ficção de Herculano, tais como referências a D. Froom, bisavô de D. Diego e primeiro senhor de Biscaia, e a inimizade dos

senhores de Biscaia com o reino de Leão e a cidade de Nastúrio (SIQUEIRA; DEZIDÉRIO, 2012, p. 71).

## 2. Do fantástico

Para se discutir o que há de fantástico em *A Dama Pé-de-Cabra* é necessário, primeiramente, conceituar o gênero literário fantástico. Para início de conversa, não é tarefa fácil encaixar uma obra nos gêneros que envolvem o místico e o sobrenatural, gêneros que Todorov (1981) chama de vizinhos. Muitas vezes a categorização não simplesmente “cai como uma luva”, visto que os limites entre cada um deles são linhas tênues que constantemente se confundem.

Para este trabalho, considera-se o gênero fantástico tal como teorizado por Todorov (1981), que o define ao diferenciá-lo dos gêneros estranho e maravilhoso. Segundo ele, a diferença entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso está demarcada na forma como as personagens lidam com os fatos e acontecimentos sobrenaturais aos quais são submetidas. Nas palavras do teórico, ao se deparar com o sobrenatural as personagens devem “optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação [...] ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade” (TODOROV, 1981, p. 15). No primeiro caso, observa-se o gênero literário estranho, no segundo, o maravilhoso.

Ou seja, quando o sobrenatural é tratado no universo da obra e pelas personagens que o compõem como uma mera ilusão, como uma peça pregada pelos sentidos, como desvios sensoriais por alguma causa existente no mundo, tais como medicações, alucinógenos etc., trata-se do gênero estranho. Nele, como aponta Todorov (1981), as leis que regem o mundo permanecem inalteradas, independentemente dos acontecimentos estranhos experienciados na história. Por outro lado, quando o sobrenatural é tratado como parte integrante da realidade, regido pelas leis do mundo, mesmo que os acontecimentos não sejam comumente experienciados, trata-se do gênero maravilhoso.

O fantástico jaz exatamente na lacuna entre esses dois gêneros em que o sobrenatural é tratado com incerteza. Neste gênero, as experiências com o desconhecido causam dúvida e hesitação tanto nas personagens quanto no leitor, que conhecem apenas a realidade ordinária do “mundo real”, lugar onde acontecimentos de ordem sobrenatural não deveriam existir. “O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1981, p. 16).

Analisando o conto *A Dama Pé-de-Cabra*, é possível perceber que essa definição nem sempre converge com os personagens de Biscaia. Por vezes, o encontro com o sobrenatural é tratado até mesmo com alguma naturalidade por esses, mas isso será melhor abordado adiante no trabalho.

### 3. O fantástico na lenda d'A Dama Pé-de-Cabra

O conto se inicia com o próprio Herculano a interpelar os leitores, convidando à leitura da narrativa principalmente os descrentes no sobrenatural:

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia. E não me digam no fim: — ‘não pode ser.’ — Pois eu sei cá inventar coisas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares (HERCULANO, [1987], p. 1)

É possível perceber nesse excerto a presença do chamado por Furtado (1980) “efeito de recuo”. O autor define essa prática como de ascendência romântica, que consiste em deslocar a ação para o longínquo no tempo (um passado de contornos vagos) ou no espaço (o país exótico ou imaginário). Fazê-lo cai como uma luva para um conto fantástico que trabalha o sobrenatural justamente na incerteza do leitor e das personagens. Ao ancorar sua narrativa em algo contado num livro muito velho, e que mesmo o autor já ouvira numa cantoria de jogral, atribui à história de D. Diogo e sua dama um caráter de dúvida que colabora para o estabelecimento da ambientação fantástica. Segundo Siqueira e Dezidério (2012), a atmosfera de dúvida e hesitação do conto contribui para a consolidação dos efeitos catárticos.

Quase cem anos antes, em 1764, Horace Walpole foi pioneiro ao utilizar o efeito do recuo em sua obra *O castelo de Otranto*, considerada o primeiro romance fantástico de que se tem notícia. Semelhante ao que faz Herculano, Walpole ancora sua narrativa fantástica sobre um castelo assombrado alegando ter encontrado aquela história num antigo manuscrito de monges italianos.

Mais adiante na obra, o narrador dá início ao conto propriamente dito. D. Diogo Lopes, devasso senhor das terras de Biscaia e implacável caçador, espreita um javali numa floresta fechada. De repente, escuta um belo canto ecoar pela floresta e imediatamente corre para averiguar. D. Diogo se depara, então, com uma mulher tão bela quanto o canto de sua voz, e imediatamente pede sua mão em troca de terras e vassalos. A bela dama faz pouco dos dotes materiais de D. Diogo, alegando que também possui linhagem de reis. A única condição estabelecida pela mulher para conceder sua mão a D. Diogo é que ele se esqueça de algo que lhe foi ensinado por sua mãe: o sinal da cruz. Um cristão não muito exemplar, já condenado ao purgatório pela vida de exageros e devassidão, o senhor de Biscaia aceita sem pestanejar. Mais tarde, ao levar a dama de volta ao seu castelo, D. Diogo percebe uma certa peculiaridade: os pés da bela moça são forçados como os de uma cabra.

Esta cena inicial traça o tom fantástico que regerá a obra do começo ao fim, a começar pela ambientação. Como aponta Alves (2014), dois cenários já apresentados aqui se repetem no decorrer do conto: a floresta e o castelo. Cenários estes bastante

característicos de narrativas góticas alemãs e inglesas, provavelmente inspirados pelas baladas góticas traduzidas por Herculano (cf. SIQUEIRA; DEZIDÉRIO, 2012).

Apesar da peculiar característica da moça, o casamento de D. Diogo e da dama prossegue feliz por muitos anos e os dois têm dois filhos: D. Inigo Guerra e Dona Sol. Essa calmaria é subitamente interrompida numa certa noite. Sentados todos à mesa de jantar, a família se vê estupefata diante de um estranho fato: a cadela podenga da dama avança sobre o cão de caça de D. Diogo e mata-o por causa de um pedaço de osso. Assustado, o senhor de Biscaia começa a se benzer, e assim quebra sua promessa para com a dama.

É neste momento que se sucede a primeira cena verdadeiramente grotesca e sobrenatural do conto. Diante do sinal da cruz, a dama dos pés de cabra se transforma:

‘Ui!’ — gritou sua mulher, como se a houvessem queimado. O barão olhou para ela: viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabelos eriçados. E ia-se alevantando, alevantando ao ar, com a pobre D. Sol sobraçada debaixo do braço esquerdo: o direito estendia-o por cima da mesa para seu filho, D. Inigo de Biscaia. E aquele braço crescia, alongando-se para o mesquinho, que, de medo, não ousava bulir nem falar. E a mão da dama era preta e luzidia, como o pêlo da podenga, e as unhas tinham-se-lhe estendido bem meio palmo e recurvado em garras. (HERCULANO, [1987], p. 6)

A partir daí, o conto escancara sua faceta fantástica. A grotesca transformação da dama remete às temáticas ocultistas e satanistas das narrativas góticas.

D. Diogo consegue a muito custo salvar seu filho, D. Inigo, mas Dona Sol não tem a mesma sorte, e é levada pela dama, que sai voando por um dos vitrais do castelo. Após esse dia, o senhor de Biscaia nunca mais foi o mesmo. Sua vida tornou-se melancólica e atormentada, até o momento em que decidiu se redimir diante da fé. Para isso, voltou a Toledo para enfrentar os mouros e cumprir sua penitência. Anos mais tarde, D. Inigo, agora herdeiro das terras de Biscaia, recebe cartas e mensageiros relatando que seu pai foi capturado pelos mouros. Certa noite, preocupado com o cárcere do pai, D. Inigo conversa com o pajem, Brearte, com quem confidencia seus lamentos.

A prosa entre D. Inigo e Brearte expressa sutilmente duas características da narrativa fantástica que merecem ser comentadas. Brearte sugere ao senhor que busque em sua mãe uma maneira de salvar o pai do cárcere. Diz ele: “por que não ides à serra procurar vossa mãe? Segundo ouço contar aos velhos, ela é grande fada [...]. Grandes histórias tenho ouvido do que se passou certa noite neste castelo: éreis vós pequenino, e eu ainda não era nada.” (HERCULANO, [1987], p. 5). A esta fala do pajem, subjaz a incerteza quanto ao sobrenatural, característica do fantástico. Desde o desaparecimento da dama, não se teve notícias de seu paradeiro, mas muitas histórias foram contadas a respeito, criando uma atmosfera de mistério ao redor daquele estranho acontecimento.

D. Inigo então se dispõe a contar a Brearte a origem da danação de sua mãe, mas o pajem, assustado, hesita em ouvir tal história: “O pajem olhou de roda de si, quase sem o

querer, e chegou-se para seu amo: era a obediência e, ainda mais, certo arrepio de medo que o faziam chegar” (HERCULANO, [1987], p. 5.). A hesitação da personagem diante do contato com o sobrenatural é outra característica definidora do gênero literário fantástico. Segundo Todorov (1981, p. 19), “o fantástico implica [...] a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e no herói”.

Entretanto, algo que se pode observar no conto é que, em certas ocasiões, as personagens vacilam diante do sobrenatural, noutras não. A começar por D. Diogo, que, mesmo ao se deparar com os pés forçados da dama, não sente estranheza nem dúvida sobre seu amor por ela, em contrapartida, se vê aterrorizado diante do mortal ataque da cadela podenga. Seu filho, D. Inigo, é tão corajoso quanto: compra a ideia de Brearte e sai em busca de sua mãe para salvar o pai dos mouros.

Antes de sair à procura da Dama Pé-de-Cabra, D. Inigo conta a Brearte sua história de origem, que já tinha sido contada a D. Diogo por um abade das terras de Biscaia, e que, por sua vez, havia lido-a em tomo godo de mais de cem anos. A história narra a desonra de Argimino, o Negro, antigo conde de Biscaia que fora amaldiçoado pelo próprio pai por ter matado um animal – um onagro, fortemente presente em todo o conto – que tinha dado crias. Argimino, implacável caçador e guerreiro, saiu por dois anos para lutar nas batalhas do Rei de Wamba. Nesse tempo, a condessa sua mulher passou a ter sonhos com um certo nobre galego de nome Astrigildo. Guiados por uma força sobrenatural, Astrigildo e a condessa eventualmente se uniram, dando início a uma relação adúltera. O conde Argimiro, ao retornar de sua campanha, toma conhecimento do adultério e mata esposa e amante.

Toda esta “narrativa dentro da narrativa” é regida por um forte caráter fantástico. A maldição rogada sobre Argimiro por seu pai rege os acontecimentos como uma força sobrenatural, tão forte quanto o próprio destino, que não apenas une os amantes adúlteros através de sonhos e da figura de um veloz onagro, como também revela a traição ao conde Argimiro, ocasionando sua queda em desonra e concretizando a praga do pai. A condessa e Astrigildo foram condenados ao inferno pelo pecado de adultério, e suas almas passaram a vagar pelas terras de Biscaia. “Desde esse tempo as duas miseráveis almas têm aparecido a muita gente nos desvios da Biscaia: ela vestida de branco e vermelho, assentada nas penhas, cantando lindas toadas: ele retouçando aí perto, na figura de um onagro” (HERCULANO, [1987], p 11).

De volta à narrativa principal, D. Inigo decide ir ter com sua mãe. Encontra-a novamente na floresta, da mesma maneira que seu pai anos antes, e ela afirma já saber da situação em que se encontra D. Diogo. Diz, porém, que Deus não permitirá que ele seja liberto até ter cumprido sua penitência: “Se pudesse, ter-lhe-ia ocorrido, sem que viesses requerê-lo: mas o velho tirano do céu quer que ele pene tantos anos quantos viveu com a... Com a que sandeus chamam Dama Pé-de-Cabra” (HERCULANO, [1987], p 13).

Tanto esse excerto quanto a narrativa do conde Argimiro levam o leitor a acreditar em forças que regem o mundo e as personagens que vão além de sua compreensão. Esta força sobrenatural quase descamba para o maravilhoso, pelo fato de agir como lei no universo do conto, mas, segundo Todorov (1981):

Passemos agora para o outro lado dessa linha divisória que chamamos o fantástico. Encontramo-nos no campo do fantástico-maravilhoso, ou, dito de outra maneira, dentro da classe de relatos que se apresentam como fantásticos e que terminam com a aceitação do sobrenatural. Estes relatos são os que mais se aproximam do fantástico puro, pois este, pelo fato mesmo de ficar inexplicado, não racionalizado, sugere-nos, em efeito, a existência do sobrenatural. O limite entre ambos será, pois, incerto, entretanto, a presença ou ausência de certos detalhes permitirá sempre tomar uma decisão. (TODOROV, 1981, p. 29).

Apesar de pressupor uma força motriz sobrenatural que rege as personagens, o conto de Herculano não naturaliza essa força como parte do universo, tampouco os personagens têm ciência de que isso paira sobre suas cabeças. Na verdade, os únicos personagens que têm ciência desta força maior são aqueles intimamente ligados ao sobrenatural: a dama e o pai do conde Argimiro. Os meros mortais como D. Diogo e D. Inigo, tal como nós, leitores, permanecem às escuras, e não há nada mais característico do fantástico.

Prosseguindo com o conto, a Dama Pé-de-Cabra oferece ao filho uma maneira de salvar o pai, desde que ele espere o ano que falta para que a penitência de D. Diogo seja cumprida. D. Inigo aceita e é enfeitado pela mãe para que durma por um ano, mesmo achando terem se passado apenas algumas horas. O feitiço da dama é rogado em forma de um canto: “E dançai-me, aqui na terra, / Uma dança doudejante, / Que entonteça dum instante / O meu filho Inigo Guerra. / Que ele durma um ano inteiro, / Como em sono de uma hora, / Junto à fonte que ali chora, / Sobre a relva deste outeiro” (HERCULANO, [1987], p. 14).

D. Inigo se acorda um ano depois e se depara com o onagro negro a esperá-lo. Sobe na garupa do animal e parte, veloz como uma bala, para Toledo em busca do pai. Auxiliado pelo feroz onagro e por uma repentina e sobrenatural chuva torrencial, D. Inigo entra com facilidade na prisão dos mouros. O caráter fantástico da tempestade é evidenciado por Herculano na narração, distinguindo-a enfaticamente de um fenômeno meteorológico comum:

Começou então a cair uma corda de chuva, que nem moços nem velhos se lembravam de ter visto coisa semelhante em nenhuma parte. [...] A salvação de Toledo foi não se terem fechado suas portas: se assim não sucedesse, dentro do recinto dos muros morria toda a mourisma afogada. (HERCULANO, [1987], p. 16).

D. Inigo encontra o pai preso numa cela e o onagro negro derruba a robusta porta de madeira com apenas um coice, dando fim ao cárcere de D. Diogo Lopes. Saltando os altos muros da prisão, a besta tira-os daquele lugar. É no meio do caminho de volta a Biscaia que outro grotesco acontecimento se sucede: ao se deparar com uma cruz de pedra, o onagro é incapaz de prosseguir. É neste momento que a voz da Dama Pé-de-Cabra faz-se ouvir.

Seu canto trêmulo e cansado com o intuito de acalmar o animal acaba por aterrorizar D. Diogo Lopes, que, atormentado por aquela voz que há tantos anos não ouvia, se benze.

Antes de comentar o que se sucede nessa cena, é importante salientar o uso das vozes fantasmagóricas e ecoantes no conto. Esse artifício, muito característico de baladas góticas, é veementemente utilizado por Herculano para caracterizar a presença do sobrenatural ao longo da narrativa. Tanto a voz da Dama quanto a do pai de Argimiro são ouvidas de forma “etérea”, em pleno ar, em situações em que esses não se encontram presentes, como em:

Uma voz soou então nos ouvidos do conde, e dizia: — Órfãos ficaram os cachorrinhos do onagro: mas pelo onagro tu ficarás desonrado [...]  
O vilico ia a responder, quando se ouviu uma voz: dir-se-ia que era o ar que falava. — Foi nele que veio Astrigildo: será ele que o levará. Por ti ficaram órfãos os filhinhos do onagro, mas por via do onagro ficaste, oh conde, desonrado. Foste cru com as pobres feras: Deus acaba de vingá-las. [...]  
Então ouviu nos ares uma voz vibrada, que cantava muito entoado. Era a voz da terrível Dama Pé-de-Cabra [...]  
Então, dentre uns altos choupos, que da margem dalém se meneavam, um pouco mais abaixo daquele sítio, ouviu-se uma voz fadigosa e trêmula que cantava (HERCULANO, [1987], p. 4).

Ao ouvir a voz terrível da dama, D. Diogo Lopes começa a se persignar. Confrontado com o símbolo da cruz, o onagro se enfurece, e algo grotesco começa a acontecer. O chão se abre num fosso flamejante, dito pelo narrador como o teto do próprio inferno. D. Inigo “[...] ainda lá viu passar de relance um demônio com um desconforme espeto nas mãos em que levava um judeu empalado. E Pardalo [o onagro] descia remoinhando por esse boqueirão” (HERCULANO, [1987], p. 19). Diante daquela visão infernal, pai e filho perdem a consciência e é nesse ponto que se encerra a história, da forma mais incerta possível.

D. Diogo, diz Herculano, não viveu muito mais. Foi à igreja todos os dias que lhe restavam. D. Inigo, por outro lado, nunca mais pisou em uma igreja. Herculano deixa em aberto qual foi o trato dele com sua mãe, mas nos revela que o senhor de Biscaia morreu de velho, sem nunca mais perder uma batalha.

#### 4. Considerações finais

O tom de dúvida em que se encerra o conto bate o martelo: *A Dama Pé-de-Cabra* é um notório exemplar de conto fantástico. Todorov (1981) cita dois pontos cruciais para se abordar essa questão do encerramento. O primeiro são os textos fantásticos que terminam com a aceitação do sobrenatural; para o autor, esses configuram o gênero fantástico-maravilhoso. O segundo trata dos textos que, se aproximando do final, mudam totalmente de gênero:

Podemos nos perguntar até que ponto tem validade uma definição de gênero que permitiria que a obra ‘trocasse de gênero’ ante a aparição de uma simples frase como a seguinte: ‘Nesse momento, despertou e viu as paredes

de seu quarto...'. Entretanto [...] há textos que conservam a ambigüidade até o final, quer dizer, além desse final. (TODOROV,1981 , p. 24-25).

Nenhum destes é o caso de *A Dama Pé-de-Cabra*. Ao terminar o conto com muitas perguntas em aberto, elucidações não dadas e eventos sobrenaturais inexplicados, Herculano suscita no leitor uma sensação cruel de dúvida, o que caracteriza o gênero fantástico em sua forma mais pura. A incerteza paira na mente do leitor diante dos acontecimentos narrados e é instigada ainda mais pelo autor, que provoca: “o que a história não conta é o que então se passou no castelo. Como não quero improvisar mentiras, por isso não direi mais nada” (HERCULANO, [1987], p. 19).

Por tudo isso, é inegável a importância do conto como uma obra prima do gênero fantástico escrita por um autor que sempre esteve ligado aos fatos históricos, mas que, como bom romântico que foi, deixou-se seduzir pelas macabras baladas góticas. O conto *A Dama Pé-de-Cabra* não fica a dever nada se comparado a outras obras fantásticas de experiências românticas muito mais atreladas ao gênero, como a inglesa e a alemã. A ambientação fechada e melancólica; o clima soturno de mistério e incerteza, de histórias contadas e recontadas; as vozes fantasmagóricas pairando no ar; as cenas grotescas; a mística presença do sobrenatural; a hesitação provocada nas personagens e no leitor; todos os principais elementos de uma boa narrativa fantástica se fazem presentes no conto. Herculano brinca com os limites opacos do conto fantástico, o que pode ser observado a partir dos diversos pontos de tensão “história-fantasia” levantados até então neste trabalho. Ao criar personagens que encaram de frente o sobrenatural e ao admitir a existência de forças maiores que se impõem sobre esses personagens, o autor transita na tênue linha entre os gêneros; e, mesmo sem sair do fantástico, cria algo único e assustador.

## Referências

ALVES, C. C. A Dama Pé-de-Cabra: entre o histórico e o fantástico. *Revista Desassossego*, FFLCH/USP, São Paulo, n. 11, p. 48-59, jun. 2014.

FURTADO, F. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

HERCULANO, A. *A Dama Pé-de-Cabra*. Belém: UNAMA, [1987]. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/livros-classicos-de-literatura/a-dama-pe-de-cabra-de-alexandre-herculano-pdf/view>>. Acesso em: 19 de out. 2017.

\_\_\_\_\_. *Lendas e narrativas*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1987.

SIQUEIRA, A. M.; DEZIDÉRIO, F. H. A face negra de Alexandre Herculano: visões históricas do mal na construção do sobrenatural em “A Dama Pé de Cabra”. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, NEPA/UFF*, Niterói, v. 4, n. 8, p. 67-84, abr. 2012.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1981.